



Fonte: Solomon Brothers, Morgan Guaranty Trust e Centro de Informações da Gazeta Mercantil
* Cotação em 06.09.90

Bancos reagem com cautela

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

Foi positiva, mas cautelosa, a reação dos banqueiros credores ao anúncio do acordo "stand-by" por dezoito meses que permitirá ao Brasil receber US\$ 2 bilhões do Fundo Monetário Internacional (FMI). A notícia de qualquer modo elevou o preço do principal título da dívida externa do País, Multi Year Deposit Facilit Agreement (MYDFA) de 20,25 para 21,5 centavos por dólar na oferta.

"No passado, a notícia seria mais importante", disse ontem a este jornal o chefe de transações com empréstimos no Banco

Santander, espanhol Angel Santamarina. "Hoje o FMI está mais interessado nos assuntos internos, no fluxo da moeda e no nível de inflação do País. No passado, o fundo dava dinheiro aos países endividados para que pagassem seus credores. No entanto, não me parece que o Brasil vai usar esse dinheiro para pagar os bancos agora."

Santamarina acrescenta que nas atuais circunstâncias "o tempo não está correndo contra o Brasil, e o País não parece preocupado em pagar os bancos a curto prazo. A longo prazo, sim, pode-se imaginar que seja do seu interesse resolver seus problemas com a comunidade financeira internacional. Mas, a curto prazo, o País dispõe ainda de crédito para promover suas exportações, e não precisa dos bancos. Por isso me parece que estamos exagerando a importância do acordo com o FMI".

A diretora de transações com empréstimos no Chase Manhattan, Kathy O'Donnell Galbraith, nota que "é difícil comentar quando ainda não se conhecem os detalhes do acordo. Mas certamente é um passo na direção

(Continua na página 29)

Bancos reagem com cautela

por Getúlio Bittencourt
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

certa, embora ainda falte muito para um acordo com os bancos".

"É um importante passo inicial para resolver os problemas da dívida externa do Brasil", concorda o diretor-gerente de operações com risco soberano na Merrill Lynch, Emilio J. Lamar. "Trata-se de um problema difícil, e o acordo com o Fundo permite que o País se concentre na solução dos outros fatores", acrescentou.

O vice-presidente que chefia transações com ativos no Manufacturers Hanover, Alexis Rodzienko, afirma que "é melhor ter o acordo do que não ter, e com isso o preço dos

MYDFA melhorou ligeiramente". Um vice-presidente do MG First Boston, Michael Pettis, pondera contudo que "o anúncio do acordo afetou muito pouco o preço do papel brasileiro".

Rodzienko argumenta também que, "em seus recentes encontros com os bancos credores, o governo brasileiro ouviu de todos a mesma coisa: que é bom começar a conversar, e que os bancos estão esperando para falar com o Brasil no comitê assessor de bancos para o País em Nova York".

Em sua entrevista ao anunciar o acordo com o Fundo na sexta-feira em Washington, o presidente do Banco Central do Brasil, Ibrahim Eris, disse que o governo brasileiro nunca

pensou em descartar a negociação da dívida através do comitê assessor de bancos. Os contatos do negociador, embaixador Jório Dauster, com os bancos individualmente, que serão concluídos no próximo dia 15, foram descritos por ele como "apenas uma abordagem inicial" do problema.

A impressão dos banqueiros que conversam com Rodzienko, porém, é diferente. "Ficou-se com a impressão de que o Brasil quis conversar individualmente com os bancos para dividi-los, dentro da teoria de que dividir é reinar", observa o vice-presidente do Manny Hany. "Após o acordo com o Fundo, espera-se que o País possa começar a negociar seriamente com os credores

privados", acrescentou. Mas "a notícia do acordo com o Fundo é positiva, um movimento na direção certa", disse o diretor-gerente de transações com empréstimos no Bankers Trust, Pierre Durand. "Abre-se então a possibilidade de pagamentos do País ao governo dos EUA, ao Clube de Paris e, espera-se, aos bancos comerciais".

O chefe de operações com risco soberano no Shearson Lehman Brothers, Kenneth Hoffman, resumiu o sentimento dos banqueiros ao dizer que "a notícia do acordo com o Fundo é boa. Melhor ainda será a notícia de que o Brasil voltou a pagar sua dívida aos bancos". O atraso do País só com os juros aos credores privados já alcança US\$ 6 bilhões.